

## PRÁTICAS DISCURSIVAS DE SUBJETIVAÇÃO NA/PELA ESCRITA EM ESPAÇOS VIRTUAIS

GRIGOLETTO, Evandra (UFPE)  
([g.evandra@terra.com.br](mailto:g.evandra@terra.com.br))

DE NARDI, Fabiele Stockmans (UFPE)  
([fabielestockmans@hotmail.com](mailto:fabielestockmans@hotmail.com))

### Linha 5 – Práticas discursivas e movimentos na história

Partindo da noção de escrita como prática discursiva e social, nossa proposta, neste trabalho, é discutir práticas de subjetivação que se dão na/pela escrita em espaços virtuais. Temos observado que, em determinados ambientes virtuais, como aqueles destinados ao Ensino a Distância, ou fóruns de discussão de alguns jogos praticados pela rede, atribui-se à escrita um papel de poder, sócio-historicamente sedimentado, que retorna ao virtual como possibilidade de controle sobre o outro. Assim, entra em funcionamento nesses espaços uma representação da escrita por meio da qual o sujeito produz uma imagem positiva de si como escrevente, de quem legitima o seu dizer pelo domínio da língua, fazendo da escrita um “espelho” que ora mostra, ora mascara a imagem do escrevente.

O trabalho do escrevente, imerso na ilusão de domínio das regras do *bem escrever*, é o de garimpar palavras para se dizer, para revelar sua existência. Nesse sentido, o exercício da escrita põe em marcha um movimento de identificação - que pode se dar tanto pelo assujeitamento quanto pela resistência ao outro -, mas que implica sempre o desejo do sujeito-escrevente de se legitimar socialmente, ocupando um lugar social.

Esse movimento de legitimação se constrói numa rede discursiva atravessada por relações de poder e força, que revelam o funcionamento de mecanismos de exclusão e pertencimento, historicamente construídos, pelos usos sociais da escrita. Produz-se, assim, uma representação de escrita<sup>1</sup> enquanto lugar de exercício de poder, a qual se mantém relativamente estável, mesmo em diferentes espaços discursivos, uma vez que a escrita

---

<sup>1</sup> Estamos tomando a noção de representação a partir da discussão feita por Ercília Cazarin (2005), em seu livro *Identificação e Representação Política: uma análise do discurso de Lula*, onde a autora trata da representação do político. Deslocando essa noção para o presente trabalho, interessa-nos a representação da escrita como um espaço em que se confrontam relações de poder e forças.

aparece sempre como um lugar de construção de autoridade<sup>2</sup>, conforme podemos observar no recorte abaixo, em que um jogador de RPG fala sobre as estratégias do jogo:

SD1 - É que um turno aonde a escrita e a pontuação correta seja usada, é considerado simples, mas é um turno admirável pra quem tá dentro dessa coisa e sabe que **a linguagem é só expressão do que se faz, o mais importante é a estratégia...** mas um cara que começa no RPG começa com internetismo e turnos mais simples, quando ele vê um turno gigante e com frases rebuscadas, deslumbra, **dá a sensação de que você sabe muito e ele não sabe nada, entende?** É um bom padrão para quem está no começo, **não importa o quão vazio seja, soa muito bom...**

Em primeiro lugar, é preciso pontuar que esse recorte não é o discurso do RPG (do jogo em si), mas o discurso sobre o jogo e suas estratégias, retirado de uma conversa de MSN entre dois jogadores. Chama atenção nesse recorte a reafirmação da ilusão de que, na linguagem, é possível separar forma e conteúdo, evidenciada pela afirmação do jogador de que *a linguagem é só expressão do que se faz*. Ao produzir tal afirmação, o sujeito desvincula *a estratégia* - nesse caso “o que se faz” - *da linguagem*, atribuindo a ela um papel acessório e colocando-se como o estrategista que domina a linguagem enquanto ferramenta utilizada para atingir seu adversário. Ao mesmo tempo em que representa a linguagem como algo da ordem do residual, ao assumir a força dessa ferramenta como modo de *encurralar* o outro, o sujeito deixa emergir uma contradição no seu dizer, porque é a linguagem a sua estratégia mais eficiente, aquela que *deslumbra*, a ponto de silenciar o seu opositor. Quando comenta que o uso de uma linguagem *rebuscada* cria no outro a sensação de que *ele não sabe nada*, o sujeito mobiliza uma representação da escrita como lugar de autoridade. Por isso, *não importa o quão vazio seja* o seu dizer, se ele *soa muito bom* é porque tem o poder de silenciar/controlar o outro pelo domínio da linguagem.

Esse poder da escrita é fruto de um processo de discursivização que constrói cenas de representação **sobre** a escrita. São essas cenas que sustentam o seu poder, exercido no próprio ato da escrita como um movimento, seja de negação ao sujeito do lugar de escrevente, seja de legitimação desse lugar. No primeiro caso, há uma impossibilidade, para o sujeito, de legitimação do seu dizer. No segundo, o sujeito interdita o outro pela escrita, que se constitui como um exercício de poder, uma forma de o sujeito se impor ao outro, silenciando-o, funcionamento que é descrito no recorte acima e exemplificado no recorte a seguir:

SD2 - \*Os **orbes** ocultaram-se sobre as pálpebras, cessou-se a comunhão de olhares e um suspiro afável toma o seio da figura que observava o homem, Komiyama. As **lufadas**

---

<sup>2</sup> Entendemos que ao mesmo tempo em que escrever, nos termos de Foucault (1983/2006, p. 156), é “se mostrar, se expor”, colocar-se como escrevente, assumindo o que aqui chamamos de representação social da escrita, significa construir um lugar de autoridade que se produz pelo *domínio da letra*.

**sopravam álgidas**, abençoando com um torpor invernal, embora o verão lhes fosse **coevo**. A mão direita do ‘desconhecido’ se afluí até as costas, lá se fixando, e o olhar se abre novamente, vislumbrando, deslumbrado, com os atos do **outrem**. As gaivotas **chilreavam** em comunhão à melodia aprazível entoada pelo instrumento. Embora lhe soasse **letífera**, enternecia-lhe a cada acorde, adjunto ao som das gaivotas que **chilreavam** além do **silvo**.

Esse recorte, parte de um duelo entre jogadores de RPG, exemplifica o funcionamento desse discurso, caracterizado pela tentativa de produzir uma escrita que, pelo seu hermetismo, torne-se impenetrável ao outro, ao qual restam duas possibilidades: ou ele se utiliza dessa mesma linguagem, inscrevendo-se nessa ordem de escrita, que é o que lhe garante existência no jogo; ou ele é excluído do jogo, já que perde legitimidade nesse espaço discursivo em que a possibilidade de dizer se constrói a partir dessa representação de escrita. No recorte em análise, observamos que tal representação se constrói sobretudo pela seleção lexical (*orbes, lufadas álgidas, coevo, chilrear, letífera, silvo*), que joga com a resistência da língua, produzindo um funcionamento às avessas, isto é, em lugar de abrir espaços de inscrição do sujeito na língua, tenta fechar esses espaços, limitando as possibilidades de interpretação. Nisso se constitui a estratégia utilizada pelos jogadores de RPG para atingir os seus adversários, ou seja, é o desconhecimento do *outro* sobre a forma da língua que possibilita *interditar* o seu dizer.

Embora tanto no RPG quanto no EaD percebamos uma mesma representação de escrita sendo mobilizada, o modo de o escrevente se legitimar é diferente nesses dois espaços. Como vimos nos recortes acima, no RPG, o jogador produz uma imagem positiva de si, de alguém que tem autoridade para manusear a linguagem, projetando assim a legitimidade do seu lugar de jogador pela escrita. No entanto, ao produzir esse movimento por meio de uma escrita essencialmente circular e labiríntica, o que faz o escrevente é excluir/silenciar o outro. No EaD, o sujeito também legitima o seu lugar de aluno pela escrita, mas o movimento que produz, nesse caso, não se dá no sentido de excluir o outro, e sim de ser reconhecido por ele, já que o outro, aqui, ocupa o lugar a que o escrevente deseja pertencer. Escrever é, portanto, uma forma de incluir-se, ou seja, esse sujeito espera que o professor o reconheça com um bom aluno pelo domínio que, supostamente, possui das regras da língua. Tenta projetar, assim, no seu discurso uma imagem positiva de si, buscando legitimidade junto ao outro. No entanto, ao inscrever-se na língua, é traído, muitas vezes, pela resistência que é própria dessa materialidade, expondo-se pela escrita, que revela justamente o que ele deseja ocultar. Observemos esse funcionamento no recorte abaixo:

SD3 - Olá professora, boa tarde! Seja bem vinda ao nosso curso e espero contribuir muito **para com** o andamento da disciplina **a qual** gosto muito. Abraços. (terça-feira, 9 março 2010 14:35)”

Numa análise rápida desse recorte, observamos que, a partir de uma representação de escrita, o aluno mobiliza também um imaginário sobre o professor. Assim, na tentativa de agradá-lo, o aluno constrói um discurso que, no seu imaginário, é o “correto”, ou seja, o que usa a língua padrão. No entanto, ao tentar controlar o seu dizer, produz um discurso artificial, no qual emergem os equívocos (*para com/ a qual*). O sujeito é “traído” pela língua, já que o efeito de sentido produzido pelo seu discurso, ao contrário do que ele pretendia, na sua ilusão de sujeito-autor, expõe justamente as contradições desse dizer e, conseqüentemente, mostra a sua imagem de aluno-escrevente que é *falado*<sup>3</sup> por sua escrita ao tentar domesticá-la.

A escrita funciona, portanto, como uma espécie de espelho que ora mostra, ora mascara a imagem do escrevente, remetendo às contradições a que se expõe todo sujeito que se inscreve/escreve na língua, uma vez que o mascaramento é só um efeito, produzido pela ordem da ilusão do sujeito. A escrita é para o sujeito a possibilidade de deixar marcas de sua existência, de conquistar, pela letra, um lugar social, mas ao tentar alcançar essa representação de escrita o que muitas vezes produz o sujeito é uma imagem *torta* desse espaço, deixando ver as falhas no ritual. Enquanto lugar de poder, a escrita traz à cena um jogo de forças em que entra em funcionamento uma lógica de inclusão-exclusão do outro que passa pelo domínio da *letra*.

---

<sup>3</sup> Estamos retomando, aqui, as reflexões de Claudine Haroche (**Fazer dizer. Quer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 157-161) sobre as relações entre o sujeito e o texto.